

## ARTIGOS

### O MAL NO PENSAMENTO DE ELLEN WHITE

**Adolfo S. Suárez, Ms.**

Professor do curso de Teologia, doutorando em Ciências da Religião na Umesp Centro Universitário Adventista de São Paulo, Campus Engenheiro Coelho, SP  
adolfo.suarez@unasp.edu.br

**Resumo:** Neste breve trabalho explora-se inicialmente a importância do tema do mal nos escritos de Ellen White. Também se analisa a tipologia do mal da mencionada escritora. Finalmente, é feita uma abordagem a respeito de como Deus considera o mal.

**Palavras-chave:** Ellen White, Mal.

#### **The Evil According to the Thought of Ellen White**

**Abstract:** This short work investigates the importance of the subject of the evil in the writings of Ellen White. It is also analyzed her typology of evil. Finally, an excursus was undertaken concerning how God considers evil.

**Keywords:** Ellen White, Evil.

#### **INTRODUÇÃO**

Ellen White, pioneira da Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD) escreveu sobre vários temas do cristianismo.<sup>1</sup> Usando geralmente um estilo narrativo, ela transita por diversos temas, explicando a Bíblia, orientando na vida cristã e chamando a atenção para aspectos importantes na prática do cristianismo. Tudo isso o faz com postura profética, pois ela era consciente de seu papel na IASD.

De acordo com Herbert Douglas, teólogo adventista, a contribuição singular de Ellen White “reside não na absoluta originalidade do pensamento, mas na maneira como sintetizou” os diversos conceitos e temas que fazem parte de sua obra literária.<sup>2</sup> De fato, a despeito de seu pouco preparo acadêmico, além de vasta produção, ela revelou habilidade de observação e compreensão na abordagem dos assuntos que considerou necessários.<sup>3</sup> Entretanto, diferente da afirmação de Douglas, White mostra-se original ao considerar diversos aspectos nos temas de educação, saúde e administração eclesiástica, para mencionar alguns.<sup>4</sup>

Um dos assuntos fundamentais em seus escritos é a temática do mal.<sup>5</sup> Ela entende que a luta entre o bem e o mal é uma espécie de estrutura teológica necessária para compreender e interpretar a história da humanidade. Neste



breve trabalho, primeiramente veremos qual a importância do tema do mal nos escritos de Ellen White. Em segundo lugar, analisaremos sua tipologia do mal. Finalmente, discorreremos a respeito de Deus e o mal.

Como fundamento teórico desta pesquisa foram adotadas, principalmente, as considerações de Ivone Gebara e Juan Antonio Estrada, a fim de possibilitar a construção e análise de uma tipologia do mal em Ellen White. Neste caso, evidencia-se que esta breve análise do problema do mal em White será feita sob a ótica da antropologia, sociologia e filosofia. Além, é claro, da compreensão teológica.

## 1. A IMPORTÂNCIA DO TEMA DO MAL

O teólogo Herbert Douglas, já mencionado, conclui que o problema do bem e do mal é um tema-chave na teologia de Ellen White<sup>6</sup>, inserido no que a própria White chama de “grande conflito”. Alberto Timm também considera o tema como sendo de fundamental importância. Em sua tese de doutorado, Timm afirma que o sistema doutrinário adventista pioneiro incluía, entre outros, a temática de “uma moldura de conflito cósmico”.<sup>7</sup>

A própria Ellen White afirma que “o tema central da Bíblia, o tema em redor do qual giram todos os outros no livro, é o plano da redenção, a restauração da imagem de Deus na alma humana”.<sup>8</sup> O estudante da Bíblia, por sua vez, deve compreender que há dois princípios antagônicos sob os quais se desenrola a História da humanidade. As conseqüências destes princípios antagônicos – o bem e o mal – penetram “em todos os aspectos da experiência humana”.<sup>9</sup>

Como se pode perceber, White entende que os temas centrais da teologia cristã são: (1) o plano de redenção, com o propósito de restaurar a imagem de Deus nos seres humanos e (2) o grande conflito entre o Bem e o Mal (Deus e Satanás). Assim sendo, o problema do mal é, para a autora, assunto da mais alta importância. Não se poderá compreender e nem valorizar devidamente a obra redentora de Deus em favor da humanidade, a menos que se compreenda o impacto do mal na vida das pessoas.

Ao destacar a importância do problema do mal, White ecoa o pensamento de grandes teólogos e filósofos. De acordo com Mondin, ao longo da história, o problema do mal despertou o interesse em muitos gênios do pensamento religioso e filosófico, dentre os quais “o autor do livro de Jó, Orígenes, Agostinho, Boécio, Anselmo, Tomás de Aquino, Cusano, Pascal, Leibniz, De Maistre, Schelling e outros”.<sup>10</sup>

Para Agostinho, por exemplo, “o problema do mal foi o que mais desafiou” sua “mente agudíssima”.<sup>11</sup> Para ele, o mal não pode existir sozinho, e sua existência depende de uma substância boa em si mesma. Agostinho concluiu que o mal se origina “na liberdade das criaturas espirituais (os anjos e os homens): o mal explode no momento em que esses seres se afastam de Deus e se voltam para as criaturas”.<sup>12</sup>

Para Paul Ricoeur, um dos mais importantes filósofos da segunda metade do século 20, a questão do mal é um desafio inigualável para a Teologia e a Filosofia. Ele disse que a “visão estritamente moral do mal” deixa o ser humano “sem resposta”.<sup>13</sup>



Juan Antonio Estrada, teólogo e filósofo, afirma que “como elemento constitutivo da experiência humana [o mal] sempre foi um problema central da filosofia e da religião”.<sup>14</sup> E sendo um assunto relacionado à origem e finalidade da vida humana, deve ser profundamente analisado. Para Estrada, é apropriado estudar o mal do ponto de vista da religião. Nesse sentido, ele diz:

A dimensão existencial do mal, que mais cedo ou mais tarde experimentamos em nós mesmos ou nas pessoas que nos são próximas, resiste a uma mera especulação racional, própria da reflexão filosófica, e abre espaço para os testemunhos pessoais. Nisso consiste a superioridade da religião com relação à filosofia.<sup>15</sup>

Talvez, então, porque “a religião oferece uma resposta global, boa ou má, consistente ou não, ao problema do mal”,<sup>16</sup> é que as pessoas procuram nela – senão a compreensão do fenômeno – pelo menos o remédio para a sua cura.

## 2. A TIPOLOGIA DO MAL

Tendo como parâmetro de comparação a análise de Juan Antonio Estrada,<sup>17</sup> Ellen White entende o mal dentro de três tipologias diferentes. Em primeiro lugar ela compreende que *o mal é uma experiência constitutiva do ser humano*. É o que Estrada chama de *mal metafísico*. Para White, não se pode pensar em pessoas sem pensar no mal, e não apenas porque as pessoas são más, mas porque se vive na dependência dele. Ela diz que o ser humano vive num “estado de culpa”.<sup>18</sup> Em outras palavras, o mal é da natureza humana, a qual ficou “depravada pelo pecado”.<sup>19</sup>

Embora com pressuposto completamente diferente,<sup>20</sup> Ivone Gebara também entende o mal como experiência constitutiva do ser humano. Ela afirma que “o mal está de tal modo entranhado na existência humana que se pode viver no mal até sem se dar conta de que se trata de um mal”.<sup>21</sup> Com isso, o mal acaba sendo “sofrido sem ser chamado como mal”.<sup>22</sup>

Por outro lado, White compreende que devido ao mal ser um constitutivo das pessoas, a raça humana está exposta a outro tipo desse, a dor e o sofrimento, chamado por Estrada de *mal físico*. Em outras palavras, *o mal como vivência*. De fato, o conhecimento e a prática do mal acompanham o ser humano “por todos os dias de sua vida”, desde o momento em que Adão e Eva livremente o escolheram.<sup>23</sup> Como resultado disso, o ser humano vivencia “a onda de desgraças que emanou da transgressão de nossos primeiros pais”.<sup>24</sup> Infelizmente “o pecado deles abriu as portas do dilúvio das desgraças sobre o mundo”.<sup>25</sup>

Em terceiro lugar, White entende que o mal significa atos e ações – que Estrada chama de *mal moral*. De acordo com ele, é devido à existência da moral que o ser humano tem “a consciência do pecado e da culpa e o anseio de justiça e perdão como sua contrapartida”.<sup>26</sup> Neste sentido, White afirma que o ser humano vive num “estado de culpa consciente”.<sup>27</sup> Ou seja, a pessoa sabe quando suas práticas e ações são más, sentindo-se culpada por elas.

Enquanto que para Estrada o mal moral se limita a ações que quebram códigos de conduta da sociedade – o mal é o produto das ações humanas, diz



ele<sup>28</sup> – para Ellen White o mal moral também se refere à quebra dos códigos de conduta divinos.<sup>29</sup> São elas que regem a conduta humana. Assim sendo, a desobediência às leis de Deus também está na esfera do mal moral.

### 3. DEUS E O MAL

Com a mesma ênfase com a qual afirma que Satanás é responsável pelo desenvolvimento do mal, Ellen White entende que Deus não é responsável pela existência do mal. Ela diz:

Nada é mais claramente ensinado nas Escrituras do que o fato de não haver sido Deus de maneira alguma responsável pela manifestação do pecado; e de não ter havido qualquer retirada arbitrária da graça divina, nem deficiência no governo divino, para que dessem motivo ao irrompimento da rebelião.<sup>30</sup>

Não foi pela ausência da graça de Deus que o pecado surgiu; a graça de Deus pode ser compreendida como o elemento que possibilitaria a boa convivência entre Ele e suas criaturas. E Deus também não pode ser acusado pela sua incompetência administrativa, ou alguma falha na gestão dos seres sob seu comando.

Então, qual a relação entre Deus e o mal? Inicialmente, pode-se afirmar que a luta entre o bem e o mal é uma demonstração do amor de Deus. “A história do grande conflito entre o bem e o mal, desde o tempo em que a princípio se iniciou no Céu até o final da rebelião e extirpação total do pecado, é também uma demonstração do imutável amor de Deus”.<sup>31</sup>

Para Ellen White, o amor de Deus é visível na maneira como Ele conduziu o processo do surgimento e desenvolvimento do mal. A atuação divina se percebe desde a origem do mal no Céu (não expulsando ou destruindo sumariamente Lúcifer), passando pela entrada do mal no planeta Terra (alertando e auxiliando Adão e Eva) e culminando com o mal fazendo parte da humanidade como um todo (enviando Jesus Cristo para possibilitar a salvação das pessoas).

A esta altura, a pergunta fundamental seria: Se Deus não pode ser culpado pela manifestação do mal, por que Ele o permitiu? White responde que, estando o mal em franca rebelião contra Deus, seria necessário seu desenvolvimento, a fim de que se pudesse perceber sua verdadeira natureza e tendência.<sup>32</sup> Ora, só é possível perceber algo quando esse algo se demonstra em toda sua extensão, ou pelo menos se apresenta de modo suficiente a ser compreendido pelas pessoas, a fim de, com base em observações pontuais, fazer um julgamento a respeito de sua intencionalidade.

Assim sendo, Deus permitiu o mal avançar a fim de que se apresentasse com toda sua intensidade, até que fosse descoberta sua “capa de falsidade”.<sup>33</sup> Não havendo essa maturidade – para a qual o tempo era fundamental – o mal não pareceria como em realidade é. Não haveria possibilidade de compreender sua natureza e malignidade.<sup>34</sup>

Eliminando o mal sumariamente, as pessoas também não compreenderiam suas conseqüências. Por outro lado, ao eliminar o mal imediatamente, Deus pareceria um ser arbitrário, infundindo temor às pessoas, que o serviriam “antes por temor do que por amor”.<sup>35</sup> Por isso, “devia-se



permitir que o mal chegasse a amadurecer”.<sup>36</sup> Além disso, “o verdadeiro caráter do usurpador e seu objetivo real devem ser compreendidos por todos. Ele deve ter tempo para manifestar-se pelas suas obras iníquas”.<sup>37</sup>

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em Ellen White é muito consistente a idéia de que Deus criou o ser humano como entidade moral livre.<sup>38</sup> E isso possibilitou o surgimento e desenvolvimento do mal. Em nome da liberdade humana, Deus criou o homem com a possibilidade de transgressão, como diz o texto a seguir:

Deus poderia ter criado o homem sem a faculdade de transgredir a Sua lei; poderia ter privado a mão de Adão de tocar no fruto proibido; neste caso, porém, o homem teria sido, não uma entidade moral livre, mas um simples autômato. Sem liberdade de opção, sua obediência não teria sido voluntária, mas forçada. Não poderia haver desenvolvimento de caráter. [...] Seria indigna do homem como um ser inteligente, e teria apoiado a acusação, feita por Satanás, de governo arbitrário por parte de Deus.<sup>39</sup>

Percebe-se que a finalidade de Deus para o ser humano era o desenvolvimento do caráter, o que seria possível mediante a obediência voluntária. Logo, sem obediência o caráter não poderia ser plena e adequadamente desenvolvido. Em contrapartida, a obediência forçada estagnaria o caráter humano, pois o tornaria um simples autômato – um robô – sem possibilidade de escolha, o que caracterizaria seres humanos sem liberdade. Daí que a única alternativa era permitir dois caminhos, o bem e o mal. O ser humano escolheu o mal.

Todavia, Ellen White acredita que o mal não existirá para sempre. Assim como Deus permitiu sua existência como contingência da liberdade humana, chegará o dia em que o destruirá. Mas, até então, a humanidade terá plena consciência dos seus efeitos nocivos.

Em seu livro *O Grande Conflito*, no qual ela analisa a guerra entre o bem e o mal, White conclui sua narrativa com palavras triunfais, uma espécie de anseio de todos aqueles que querem ver o mal banido de vez da história humana:

O grande conflito terminou. Pecado e pecadores não mais existem. O Universo inteiro está purificado. Uma única palpitação de harmonioso júbilo vibra por toda a vasta criação. Daquele que tudo criou emanam vida, luz e alegria por todos os domínios do espaço infinito. Desde o minúsculo átomo até ao maior dos mundos, todas as coisas, animadas e inanimadas, em sua serena beleza e perfeito gozo, declaram que Deus é amor.<sup>40</sup>

### NOTAS DE REFERÊNCIAS

1. Podem citados os seguintes: oração, fé, mal, pecado, culpa, arrependimento, confissão, perdão, lei, graça, educação, saúde, família, evangelização, salvação e liberdade.



2. DOUGLAS, Herbert E. *A Mensageira do Senhor: O ministério profético de Ellen G. White*. Tatuí, SP: CPB, 2001. p. 256.
3. White escreveu mais de cinco mil artigos e 49 livros, totalizando aproximadamente cem mil páginas manuscritas. Incluindo compilações, hoje estão disponíveis mais de cem livros em inglês, e cerca de 70 em português. Ellen White é a escritora mais traduzida em toda a história da literatura. Sua obra *Caminho a Cristo* já foi publicada em cerca de 150 idiomas.
4. Na área educacional, por exemplo, ela preconiza a educação integral, numa época em que se enfatizava apenas o intelecto ou o pragmatismo; na área de saúde, ela valoriza remédios e tratamentos naturais, numa época em que havia grande descaso com a saúde. Conferir LAND, Gary, Ed.. *El Mundo de Elena G. de White*. Bogotá: Asociación Publicadora Interamericana, 1996, p. 161 a 200. KNIGHT, George R. *Ellen White's World*. Hagerstown, MD: Review and Herald Publishing Association, 2004, p. 28 a 49.
5. Dentre suas várias obras, particularmente sete tratam diretamente desta temática, a saber: "Patriarcas e Profetas" (1890), "Profetas e Reis" (1917), "O Desejado de Todas as Nações" (1898), "Os Atos dos Apóstolos" (1911) e "O Grande Conflito" (1888); todos eles formam uma coleção conhecida como *O Grande Conflito*. A esses cinco livros, podem ser acrescentados também "Primeiros Escritos" (1882) e "Caminho a Cristo" (1892).
6. DOUGLAS, Op. cit., p. 256.
7. TIMM, Alberto R. *O Santuário e as Três Mensagens Angélicas: Fatores Integrativos no Desenvolvimento das Doutrinas Adventistas*. Engenheiro Coelho, SP: Imprensa Universitária Adventista, 1998, p. 282, 283.
8. WHITE, Ellen G. *Educação*. 9ª ed. Tatuí, SP: CPB, 2003, p. 125.
9. WHITE, Ellen G. *Educação*. 9ª ed. Tatuí, SP: CPB, 2003, p. 191.
10. MONDIN, Battista. *Quem é Deus? Elementos de Teologia Filosófica*. São Paulo: Paulus, 1997, p. 374.
11. Idem.
12. Ibidem, p. 375.
13. RICOEUR, Paul. *O Mal: Um Desafio à Filosofia e à Teologia*. Campinas, SP: Papyrus, 1988, p. 34.
14. ESTRADA, Juan Antonio. *A Impossível Teodicéia.: A Crise da Fé em Deus e o Problema do Mal*. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 9.
15. Ibidem. p. 17.
16. Ibidem, p. 16.
17. Ibid., Estrada afirma que, "na história da filosofia ocidental, o mal tem sido analisado tradicionalmente a partir de três dimensões: o mal metafísico, o mal físico e o mal moral".
18. WHITE, Ellen G. *Patriarcas e Profetas*. 12ª ed. Tatuí, SP: CPB, 1991, p. 61.
19. Idem.
20. GEBARA, Ivone. *Rompendo o silêncio: Uma fenomenologia feminista do mal*. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. Enquanto que White limita a discussão do mal a uma compreensão bíblica, entendendo sua natureza como originariamente espiritual, Gebara aborda a temática a partir de uma análise de gênero, argumentando como o mal pode se originar a partir de uma construção social capaz de produzir opressão e exclusão das mulheres.



21. GEBARA, Ivone. *Rompendo o silêncio: Uma fenomenologia feminista do mal*. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p. 27.
22. Idem.
23. WHITE, Ellen G. *Patriarcas e Profetas*. p. 59. Ellen White usa a expressão “teriam a ciência do mal”, querendo dizer que Adão e Eva conheciam e, portanto, praticariam o mal, como realmente já o haviam feito, deliberadamente desobedecendo a ordem de Deus.
24. Ibidem, p. 60.
25. Idem.
26. ESTRADA, Op. cit., p. 13.
27. WHITE, Ellen G. *Patriarcas e Profetas*, p. 61.
28. ESTRADA, Op. cit., p. 13.
29. WHITE, Ellen G. *Patriarcas e Profetas*, p. 57.
30. WHITE, Ellen G. *O Grande Conflito Entre Cristo e Satanás*, p. 492 e 493.
31. WHITE, Ellen G. *Patriarcas e Profetas*, p. 33.
32. WHITE, Ellen G. *O Grande Conflito Entre Cristo e Satanás*, p. 497.
33. WHITE, Ellen G. *Patriarcas e Profetas*, p. 41.
34. WHITE, Ellen G. *O Grande Conflito Entre Cristo e Satanás*, p. 497.
35. Ibidem, p. 499.
36. Idem.
37. WHITE, Ellen G. *Patriarcas e Profetas*, p. 42.
38. Ver, por exemplo: *Patriarcas e Profetas*, p. 331 e 332; *Mensagens Escolhidas*, vol. 1, p. 216; *História da Redenção*, p. 30 e 37; *Mente, Caráter e Personalidade*, vol. 2, p. 595.
39. WHITE, Ellen G. *Patriarcas e Profetas*, p. 48, 49 e 51.
40. WHITE, Ellen G. *O Grande Conflito Entre Cristo e Satanás*, p. 678.